

ELUCIDANDO AS TEORIAS NÃO-REPRESENTACIONAIS

Elucidating non-representational theories

Esclarecimiento de teorías no representacionales

Leonardo Luiz Silveira da SILVA – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG).

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7082-529X>

URL: <http://lattes.cnpq.br/3673614715587629>

EMAIL: leoluizbh@hotmail.com



RESUMO

A partir do reconhecimento de que as teorias não-representacionais (TNR) são dotadas de uma epistemologia densa e que existe uma barreira linguística para a sua consideração no Brasil, este artigo propõe expor seus pressupostos. Usa-se a estratégia de abordar os principais contribuintes teóricos das TNR, seus conceitos-chave e formas de aplicação dos seus pressupostos em trabalhos publicados na geografia anglófona. Destaca-se que o vocabulário das TNR é composto por palavras que não são familiarizadas à maioria dos geógrafos, o que também pode se constituir como um obstáculo à popularização da abordagem. Dentre as palavras utilizadas estão conceitos densos como assemblages, afeto, performance e affordances que são úteis por serem capazes de sintetizar processos e fenômenos complexos. O artigo ressalta virtudes das TNR, que estão centradas na capacidade de transcender dicotomias tais como mente e matéria, indivíduo e coletividade e homem e natureza. Por meio desta transcendência, as TNR rejeitam a abordagem de categorias como ontologias e prefere apostar na instabilidade permanente do imaginário e das relações envolvendo as dimensões humana e não-humana. O artigo alerta em sua conclusão que enveredar pelo campo de pesquisa aqui abordado pode ser frustrante para o pesquisador que deseja recorrer às formas tradicionais de pesquisa científica.

Palavras-chave: Teorias não-representacionais; Afeto; Redes.

ABSTRACT

Based on the recognition that non-representational theories (NRT) are endowed with a dense epistemology and that there is a linguistic barrier to their consideration in Brazil, this article proposes to expose its assumptions. It uses the strategy of approaching the main theoretical contributors of NRT, their key concepts and ways of applying their assumptions in works published in Anglophone geography. It is noteworthy that the vocabulary of NRT is composed of words that are not familiar to most geographers, which can also constitute an obstacle to the popularization of the approach.

Among the words used are dense concepts such as assemblages, affect, performance and affordances that are useful to synthesize complex processes and phenomena. The article highlights the virtues of NRT, which are centered on the ability to transcend dichotomies such as mind and matter, individual and collectivity, and man and nature. Through this transcendence, the TNR reject the approach of categories as ontologies and believe on the permanent instability of the imaginary and the relationships involving the human and non-human dimensions. The article warns in its conclusion that the field of research discussed here can be frustrating for the researcher who wants to use traditional forms of scientific research.

Keywords: Non-Representational Theories; Affect; Networks.

RESUMEN

Partiendo del reconocimiento de que las teorías no representacionales (TRN) están dotadas de una epistemología densa y que existe una barrera lingüística para su consideración en Brasil, este artículo se propone exponer sus supuestos de la forma más didáctica posible. Utiliza la estrategia de acercarse a los principales contribuyentes teóricos de TNR, sus conceptos clave y formas de aplicar sus supuestos en trabajos publicados en geografía anglófona. Cabe señalar que el vocabulario de TNR está compuesto por palabras que no son familiares para la mayoría de los geógrafos, lo que también puede constituir un obstáculo para la popularización del enfoque. Entre las palabras utilizadas se encuentran conceptos densos como *assemblages*, *affecto*, *performance* y *affordances* que son útiles para poder sintetizar procesos y fenómenos complejos. El artículo destaca las virtudes de TNR, que se centran en la capacidad de trascender dicotomías como mente y materia, individuo y colectividad, y hombre y naturaleza. A través de esta transcendencia, los TNR rechazan el enfoque de las categorías como ontologías y prefieren apostar por la inestabilidad permanente del imaginario y las relaciones que involucran las dimensiones humanas y no humana. El artículo advierte en su conclusión que embarcarse en el campo de investigación aquí discutido puede resultar frustrante para el investigador que quiere recurrir a formas tradicionales de investigación científica.

Palabras-clave: Teorías no representacionales; Afecto; Redes.

1 INTRODUÇÃO

O desafio presente neste artigo é o de elucidar o que são as teorias não-representacionais (TNR) e apresentar as possibilidades de uso na pesquisa geográfica. O termo outrora consagrado por Nigel Thrift no final dos anos 1990 ainda possui aplicação incipiente no Brasil¹. Uma das hipóteses para a não absorção da abordagem no ambiente acadêmico brasileiro é a barreira linguística. Outra hipótese é que as TNR penetram em um campo epistemológico árido: seus pressupostos são sintetizados por intermédio de um vocabulário na qual parte expressiva dos geógrafos não está familiarizada. Falando sobre as TNR, Jörn Seemann argumentou que a abordagem em questão é marcada pela:

¹ Como se pode ver a partir de uma breve pesquisa na base do Google Scholar.

[...] fundamentação teórica e filosófica muito pesada que frequentemente negligencia o trabalho empírico. Existe o risco de criar um estilo rebuscado e uma linguagem codificada que apenas permitem o acesso de poucas pessoas iniciadas, quase como um culto ou uma casta (SEEMANN, 2015, p.43).

Desejamos usar este artigo como um meio de acesso mais palatável a este conjunto de teorias, que possui o potencial de lidar com tensionamentos importantes tais como a materialidade e imaterialidade, relações entre humanos e não-humanos e o entrecruzamento que envolve o plano identitário e coletivo.

Explicaremos, de partida, o que são as representações, já que o nome da abordagem – teorias não-representacionais – aparentemente se apresenta como uma negação das representações. Veremos posteriormente que existe uma controvérsia a respeito disso. Em seguida, vamos localizar as bases filosóficas das TNR, destacando de que forma a mesma foi apoiada por pensamentos prévios. Em um terceiro momento, iremos apresentar os seus pressupostos, que incluem a utilização de um vocabulário que, diferentemente do que se possa imaginar, sintetizam as elaborações teóricas que se manifestam no seio da abordagem. Antecipamos que, à *prima facie*, o vocabulário que incluem palavras como *afeto*, *affordances*, *assemblages* e *performance* pode espantar os que se iniciam a tráfegar pelas TNR²; todavia, uma vez bem compreendidos e absorvidos, tais conceitos ajudam a sintetizar fenômenos complexos que a TNR busca abordar. Finalmente, mostraremos como as TNR são aplicadas em estudos de caso, principalmente em trabalhos da geografia britânica.

2 REPRESENTAÇÕES

Como a etimologia da palavra sugere, representações são tentativas de tornar presente algo que é ausente (ANKERSMIT, 2000). Podem ser entendidas como tentativas de trazer algo para o terreno da interpretação, em um exercício em que a materialidade e a imaterialidade se confundem. Por esta razão, Oliveira Júnior (2009) prefere dizer que representar é *estar-no-lugar-de* e não *ser-o-mesmo-que*. Textos, pinturas, esculturas, narrativas orais, dioramas, mapas, *inter alia*, são representações. A intertextualidade está presente nas representações, já que essencialmente estas são relacionais, ou seja, dependem de outras representações prévias. Nesse sentido,

² Optou-se por deixar alguns destes termos no original em inglês, visto que a tradução literal poderia ser problemática.

um contato direto com aquilo que é representado é impossível, pois esse contato sempre é mediado por outras representações e pela história representacional. Assim, paradoxalmente, as representações podem ser vistas como repressoras daquilo que é representado (ANKERSMIT, 2000, p.157).

Tim Ingold (2010), em lógica similar, afirma que o conhecimento cultural não é encarnado nas representações, pois “em vez de ter suas capacidades evolutivas recheadas de estruturas que representam aspectos do mundo, os seres humanos emergem como um centro de atenção e agência cujos processos ressoam com os de seu ambiente” (INGOLD, 2010, p.21). Assim, podemos considerar a representação como ferramenta afetiva que certamente interfere nas formas as quais são empregadas a agência humana, mas não como uma variável estável imune ao tempo, espaço e à experiência individual. No sentido em que a paisagem é produzida e possui interpretações intercambiadas, torna-se representação (CROUCH, 1989). Devemos concluir que as representações não são somente distorções da realidade intangível, mas componentes concretos da constituição do mundo (MATLESS, 1992); consolidam uma série de estruturas sociais que ajudam os indivíduos a compreender ambientes que de outro modo seriam caóticos e aleatórios; as representações, assim, auxiliam os indivíduos a se comunicarem e se localizarem espacialmente (AITKEN; ZONN, 1999).

Devemos ainda considerar que uma representação pode ser decodificada e interpretada de várias formas por diferentes grupos sociais (HASSON, 1996) e, de forma mais detida, pelo escrutínio identitário. Esta afirmativa se direciona um sentido contrário às diversas representações que são tomadas como certas, ou seja, que são apresentadas como realidades dimensionáveis, tangíveis, ou ainda como abordagens ontológicas que não passam de imaginações que pretensamente colonizam as mentes de um grande grupo de pessoas.

A desconstrução das abordagens ontológicas das categorias das humanidades tem sido frequentes desde o florescimento do movimento da virada cultural e da ascensão do pós-estruturalismo. Citando alguns exemplos, é de se destacar que as discussões sobre a arbitrariedade da região não são novas (HARTSHORNE, 1978; HEATWOLE, 1978; BALE, 1983; SILVA; COSTA, 2020a), assim como ocorre com conceitos como comunidade (WATERTON; SMITH, 2010), cultura (MITCHELL, 1995; SILVA; COSTA, 2018a), raça (GILROY, 1998), classes (THOMPSON, 1987; SILVA; COSTA, 2020a), nação (ANDERSON, 2008), *inter alia*. Neste bojo, é necessário acrescentar as reflexões acerca

da dificuldade de representação de fenômenos intangíveis como a cultura ou emoções (SILVA; COSTA, 2018b; SILVA; COSTA, 2020b; SILVA, COSTA; MATOS, 2021).

Se pensarmos nas representações como versões, isso significa que as mesmas são estéreis e impotentes, devendo ser negligenciadas na leitura do espaço³? Queiroz Filho (2010), desconstruindo representações, declarou que lugares são sempre apresentados como versões. Apontou que a atividade turística costuma manipular o afeto alheio ao escolher fotos atrativas sobre os lugares, buscando criar consensos e fazer com que as pessoas exibam uma performance que seja elogiosa ao lugar e que o veja como um espaço de desejo e, portanto, consumo.

Um número expressivo de adeptos da nova geografia cultural investiram e tem investido muita energia para demonstrar como o universo simbólico afeta as pessoas, e como as abordagens ontológicas são capazes de se apresentar como instrumentos de poder. Don Mitchell salienta que os estudos da paisagem não podem mais ser somente sobre a paisagem⁴ e que “os estudos da paisagem precisam ser dedicados a considerar que a paisagem é o alicerce e um meio de obtenção da justiça” (MITCHELL, 2003, p.793), o quem se configura em uma abordagem que considera a paisagem como um palco afetivo das relações humanas.

Como um produto, as representações “fornecem chaves para a forma como as transformações espaciais se dão” (ANDRÉ; BAILLY, 1998, p.281), ainda que não dimensionem a realidade utópica e intangível (BAILLY, 1990). Por ser uma construção mental dotada por diversas camadas, é aconselhável que as representações sejam sempre intermediadas com outras representações. Não é adequado julgar representações como verdadeiras ou falsas, pelo menos no sentido positivista dos termos. O que os atores representam e os julgamentos que são trazidos com a sua representação não indicam acuidade; são meramente extratos da realidade inalcançável formuladas por estes atores e ganham relevância quando o seu conteúdo interfere nas práticas cotidianas (ANDRÉ; BAILLY, 1998).

³ Edward Saïd (1989) asseverou com lucidez que as representações não apenas colocam em questões tensionamentos envolvendo os meandros das formas e convenções linguísticas, mas também as tensões que entrelaçam forças transumanas, transpessoais e transculturais, tais como o inconsciente, o gênero e raça. Apesar de aparentemente serem construídas por um só homem, as representações acabam interferindo no espaço coletivo, por meio de sua divulgação; além disto, possuem distintos alcances e podem ser vistas como versões acerca dos fatos cotidianos. Do ponto de vista intertextual, nenhuma representação é de autoria única; no interior desta lógica, as representações são produções intertextuais que combinam discursos, mesmos aqueles que apresentam contradições entre si (LEITNER; KANG, 1999).

⁴ No sentido aqui empregado, Mitchell traz a ideia de que os estudos da paisagem não podem ser meramente descritivos e socialmente estéreis.

Cotidianamente estamos diante de confrontos permanentes de representações; representar também é revelar o que não se vê (COUTINHO, 2019) além proporcionar estranhamentos frente às convicções de outrem. Assim, as paisagens, assim como os lugares, podem ser consideradas como militantes por se arranjar a favor da reprodução de uma determinada ordem (SILVA, 2020), preocupação esta bastante presente na nova geografia cultural, para qual a ordem simbólica é um campo de batalhas discursivo (SILVA, 2022). Existe uma crítica ao “não-representacional” como componente do nome dado às TNR, destacada com muita ênfase por Hayden Lorimer (2005). Concordamos que a abordagem dita não-representacional trata-se, na verdade, da transcendência da representação e não de sua negação. Veremos em seguida que as TNR propõem, no lugar de negar as representações, a desconstruí-las e tratá-las como mais um componente do afeto produzido em rede. Para não criar dificuldades para os leitores, optaremos em deixar o campo de abordagem como não-representacional, como faz Thrift em inúmeros trabalhos.

3 BASES FILOSÓFICAS DAS TEORIAS NÃO-REPRESENTACIONAIS (TNR)

Apesar do termo TNR ter surgido em meados da década de 1990 (SIMPSON, 2017), as bases filosóficas que sustentam a articulação de suas premissas são anteriores (CADMAN, 2009). É certo que por detrás das TNR existe um arcabouço teórico rico e diverso⁵. Thrift (2000), no artigo *Afterwords* – trabalho que se tornou uma referência para os pesquisadores que fletam com a perspectiva aqui tratada –, acredita que as TNR é um estilo de pensar, podendo este ser referido como “não-representacionista”. Em suas palavras: “notem que eu utilizo a palavra *estilo* deliberadamente: esse não é um novo edifício teórico que está sendo construído, mas um meio de valorizar e trabalhar com as atividades práticas do dia-a-dia da forma em que elas ocorrem” (THRIFT, 2000, p.216, destaque nosso).

⁵ Certamente, as TNR possuem sólida sustentação advinda da geografia humana, congruindo com os campos de investigação dos estudos culturais e das humanidades como um todo; é um mosaico de ideias teóricas oriundas de subcampos específicos e que nela encontram convergência: estudos da cultura material, da ciência e tecnologia, filosofia continental, ecologia política, geografia cultural, ecologia antropológica, filosofia biológica, sociologia do corpo e das emoções, dentre outros (VANNINI, 2015). Isto ajuda a explicar o fato dos trabalhos identificados com as TNR apresentarem abordagens muito diferentes. Assim, várias formas de pensar que assumem suas premissas são chamadas de TNR, pois o acrônimo agrupa elaborações diversas (SIMPSON, 2017). É importante considerar que as TNR precisam ser compreendidas como experimentais. Os teóricos envolvidos com o campo tendem a antipatizar com tendências conservadoras demasiadamente empíricas das ciências sociais tradicionais, bem como frente às convenções do realismo e – de forma notória e mais ampla – frente a qualquer manifestação positivista (THRIFT, 2008).

Apesar da diversidade de abordagens, existem alguns pontos em comum nas abordagens identificadas com as TNR que merecem ser ressaltados. As TNR rompem com as tradições culturais pré-*virada cultural*⁶. Comumente, o pós-estruturalismo é visto como uma importante base teórica; contudo, a transcendência da representação cria uma aura de inquietude teórica que muitas vezes pode ser interpretada como pós-modernista⁷. Ademais, destaca-se a contribuição muito relevante da Teoria Ator-Rede (TAR). Todavia, enquanto a (TAR) defende a simetria entre a agência humana e não-humana⁸ (LAW, 1992), as TNR tendem a enfatizar “as práticas expressivas dos homens como as mais indicativas da fluidez e da perturbação da vida cotidiana” (CADMAN, 2009, p.3).

A TAR é um caminho útil para pensarmos como as relações espaciais se inserem em redes complexas⁹, e, desta forma, é uma teoria eficaz para lidar com os pragmáticos dualismos entre natureza/sociedade e local/global, que por tanto tempo tem afligido o trabalho geográfico (MURDOCH, 1998). Estas parecem ser lições bem absorvidas pelas TNR.

É necessário considerar as TNR como herdeira do pensamento relacional, em substituição a uma velha tradição de se ver a política; assim, é impossível apartar as TNR da chamada *virada relacional* [*relational turn*]¹⁰, que propõe que as relações espaciais substituam o pensamento que considera que corpos estáveis como “a sociedade” ou “o território” se constituam como base da reflexão política (JONES, 2009). No interior dessa lógica, os pressupostos das TNR consideram a possibilidade de vermos corpos instáveis,

⁶ A chamada *cultural turn* que floresceu na década de 1970, destacou-se pelo foco dado à construção de identidades. Por outro lado, em sua abordagem, as relações sociais amparadas pelas normas, códigos de comportamento, sentimentos e valores morais ficaram legadas a um segundo plano (JACKSON, 1997). Outra marca da *virada cultural* é a crença de que o debate cultural é o *locus* privilegiado do anúncio das inadequações das formas marxistas de explicação social, além da oposição ao quantitativismo positivista. Para Barnett (2004), os argumentos identificados com a *virada cultural* são fortemente dependentes da crítica pós-modernista acerca das epistemologias totalizantes e essencialistas, das quais o marxismo – taxado de economicista, reducionista, determinista e baseado em classes – é um suspeito primário. Por outro lado, é comumente dito que a *virada cultural* marginalizou a geografia social e perdeu consistência política (VALENTINE, 2001), percepção que pode ter fomentado a guinada em direção à abordagem social dos anos 1980.

⁷ No contexto da perspectiva pós-moderna aplicada aos trabalhos das ciências sociais, podemos falar de uma crise das representações (DUNCAN; SHARP, 1993), já que é crescente a descrença quanto a capacidade da linguagem em refletir adequadamente a realidade (CURRY, 1991).

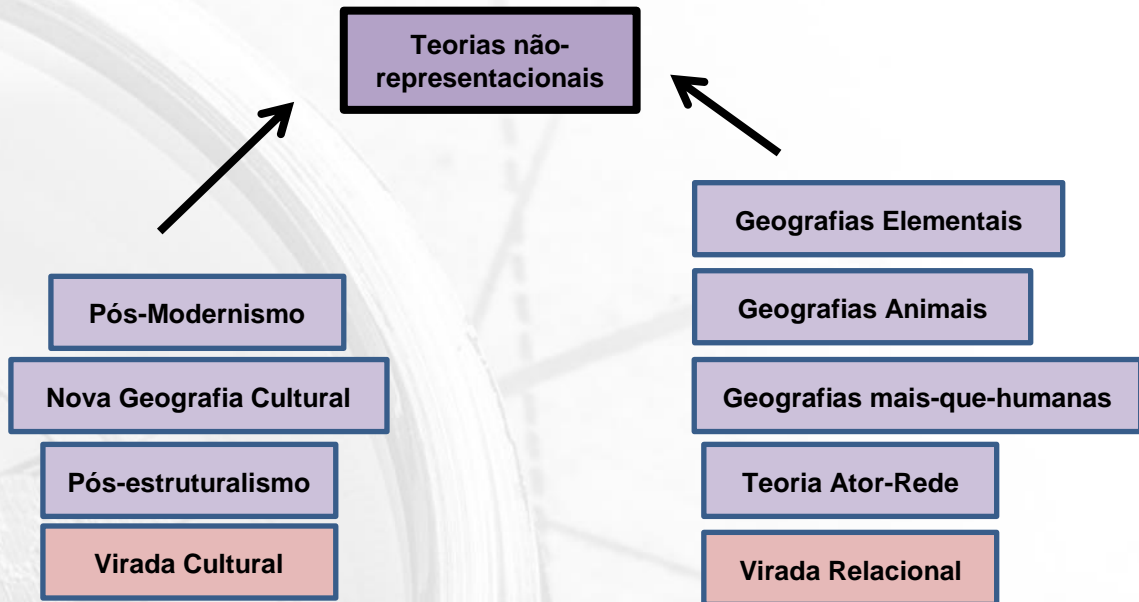
⁸ A TAR trata a consideração acerca da dominância da agência humana ou não-humana sobre a rede como um reducionismo. No contexto da ordem social, essas agências humana e não-humana estão entrelaçadas de forma indissociável (LAW, 1992). “Pensar, agir, escrever, amar, ganhar – todos estes atributos que nós normalmente associamos aos seres humanos, são gerados em redes que passam através e se ramificam com e por intermédio do corpo” (LAW, 1992, p.384).

⁹ As redes que envolvem as relações entre pessoas e quaisquer outros objetos têm sido referidas como “redes de associação heterogêneas” (MCBRIDE, 2003) ou ainda, “redes padronizadas de materiais heterogêneos” (LAW, 1992).

¹⁰ Para Martin Jones (2009), pensar o espaço relacionalmente se tornou o mantra da geografia humana no início do século XXI, sendo aplicado em diversos subcampos de investigação geográfica.

de limites flutuantes e tênues que são presumidos mediante à complexidade de fluxos, formalizando arranjos relacionais heterogêneos, chamados na literatura estrangeira de *assemblages*.

Figura 01 – Importantes tributários teóricos das Teorias não-representacionais



Fonte: Elaborado pelo autor

Os trabalhos práticos das TNR buscam ressaltar as relações em rede entre os atores: Bruno Latour, no contexto da TAR, sugere a estratégia de “seguir os atores” envolvidos em rede, o que significa buscar compreender o seu cotidiano e as formas de interação. A sugestão de Latour é seguida por muitos trabalhos identificados com os pressupostos das TNR e inspiram certamente Nigel Thrift a chamar as TNR de “geografia do que acontece” (THRIFT, 2008). As cenas do cotidiano inspiram a pensar no espaço relativo, a partir das distintas posições dos atores em rede. É o que explica o apelo pós-fenomenológico da abordagem das TNR. A abordagem pós-fenomenológica considera que o espaço não pode ser entendido de forma reificada, como um todo coerente (ASH, 2020).

As diferentes assimetrias de poder constroem concepções distintas sobre “o que é próximo” e “o que é distante”, distorcendo plasticamente o espaço e permitindo que falemos em topologias espaciais. Ademais, “a pós-fenomenologia busca entender como todos os tipos de entidades” (incluindo agentes não-humanos – *parênteses nosso*), “que são aparentemente inconsequentes, produzem espaços que possibilitam, articulam e ampliam as desigualdades” (ASH, 2020, p.10). Sobre o emprego do espaço relativo na análise geográfica, David Harvey (2012) pondera que há um sério perigo em restringirmos a análise

somente ao relacional e vivido, como se a materialidade e o espaço absoluto fossem desprovidos de importância. É importante ter em vista a perspectiva de que relações, ideias e materialidade não são inconciliáveis.

4 PRESSUPOSTOS DAS TNR

Como vimos, as TNR é um nome dado por Nigel Thrift a um conjunto de abordagens que tem em comum a ideia de que as representações são incapazes de dar contornos à realidade tangível. Isso se dá pelo alto grau de instabilidade das relações dos sujeitos em rede. Pessoas, objetos e animais estão envolvidos em dinâmicas redes heterogêneas que a literatura chama de *assemblages* (ANDERSON et. al., 2012; MÜLLER; SCHURR, 2016). Por isso, também substancia o arcabouço das TNR a chamada geografia mais-que-humana. É de se destacar que existem abordagens que se caracterizam particularmente como geografias animais (COLTRO, 2016), visto que o nosso cotidiano é marcado pela trama de relações entre os homens e outras espécies que coabitam o mundo. Fala-se também das geografias elementais (ADAMS-HUTCHESON, 2019): afinal, as forças da natureza são capazes de interferir em toda sorte de atividades humanas, moldando nosso afeto e performance.

A palavra *actante* tem sido utilizada como um termo neutro para se referir aos atores (humanos) e não-humanos envolvidos na rede heterogênea. Considerando as relações entre os actantes, não é de se surpreender que os pesquisadores que se alinham às perspectivas não-representacionais tenham como um dos objetos centrais de sua investigação os diversos modos aos quais os nossos corpos participam do mundo que nos cerca (WATERTON, 2019). É importante notar que não participamos apenas de uma *assemblage*. Na verdade, somos pontos do entrecruzamento de distintas *assemblages*. Uma comunidade religiosa pode ser uma *assemblage*, assim como pessoas ligadas a uma associação esportiva, a uma ONG, a um grupo de estudos, *inter alia*.

Pertencer a uma rede heterogênea nos afeta. Este é um princípio muito relevante das TNR. Nossa *performance* – que abrange uma pletera de modos de ação – é explicada em grande parte pelas formas de afeto que nos bombardeiam cotidianamente. As ações guiadas fortemente pelo nosso afeto gerado pelas redes de relação aos quais estamos inseridos produzem as denominadas práticas corporificadas [*embodied practices*] (MACPHERSON, 2010). Isso significa dizer que o corpo e o ambiente – arcabouço das redes – que lhe provoca estímulos e respostas precisam ser analisados conjuntamente,

numa relação que é ao mesmo tempo marcada pelo afeto e capacidade de afetar. Essa perspectiva nos leva a mente leituras prévias como a indissociabilidade do ser e o mundo imortalizada pelo *dasein* heideggeriano e a trajeção de Augustin Berque (2017). Na trajeção de Berque, o mundo material interfere nas elaborações mentais, que, de retorno, impactam no mundo material.

Pela centralidade do conceito de afeto nos pressupostos das TNR (BONDI, 2005; BARNETT, 2008), é justo discorrer mais detidamente sobre o mesmo. O significado de afeto, assim como o de emoções, é elusivo (PILE, 2010, p.8). Ben Anderson (2017) reforça a elusividade do afeto ao asseverar que não há uma definição simples da palavra em questão na geografia ou em outras disciplinas, assim como ocorre com termos como emoções ou sentimentos. Em uma de suas compreensões, o afeto é entendido como um conjunto de variáveis que compõe a experiência cotidiana dos indivíduos e que se materializam por meio de práticas corporificadas [*embodied practices*], que passam, por sua vez, a serem manifestações do afeto que atingem outros corpos¹¹.

O afeto apresenta-se duplamente localizado: primeiramente, no campo relacional em-entre [*in-between*] corpos e, segundo, no nível abaixo da consciência intencional¹² (BARNETT, 2008). Estas duas localizações se entrelaçam. Por isso mesmo o afeto é um produto que não pode ser desvincilhado das relações em rede. O afeto é consistentemente percebido como um meio de manipulação (BARNETT, 2008). Nigel Thrift (2004) argumenta que a descoberta de novos meios de praticar o afeto é também a descoberta de um novo meio de manipulação por parte dos poderosos.

Apesar do conceito de afeto ser teoricamente denso, situações cotidianas fazem com que a sua existência beire o óbvio: sendo elementos associados a nós em rede, animais de estimação e plantas cultivadas em casa, por exemplo, podem estimular planejamentos particulares para que as pessoas possam viajar sem deixar os não-humanos em apuros por falta de assistência. Essa situação pode incluir desde a necessidade de regar uma planta à alimentação de peixes em um aquário. As virtudes das TNR estão centradas na sua capacidade de ler as situações cotidianas por intermédio de uma teoria sólida que é útil desde as investigações mais pueris às eleições presidenciais de um país.

¹¹ Steven Pile destaca que o afeto exibe uma via de mão dupla, pois “demonstra a capacidade transpessoal que um corpo tem de ser afetado e de afetar (como resultado daquilo que vivencia)” (PILE, 2010, p.8), argumento endossado por Ben Anderson (2016). Assim, o afeto não é simplesmente pessoal ou interpessoal: é transpessoal, à medida que se desenha no relacionamento de muitos corpos. Partindo dessas considerações, é plausível considerar que o afeto se expressa ao mesmo tempo com e entre os corpos.

¹² Nigel Thrift (2000) destaca que afeto é diferente de sentimentos e emoções; trata-se de uma experiência não consciente e, portanto, é um termo abstrato (SHOUSE, 2005).

Como uma forma de ilustrar as relações heterogêneas em rede, fala-se no conceito de *affordances*¹³, que se refere justamente às possibilidades de relação entre organismos e objetos que ocorrem por intermédio de estímulos dos segundos nos primeiros (PAIVA, 2017). *Affordances* designa “a qualidade de um objeto que convida e permite que se faça algo com ele” (INGOLD, 2012, p.28). Parte-se da crença de que as pessoas podem agir sobre os objetos que as circundam e, então, “os objetos “agem de volta” e fazem com que elas façam ou permitem que elas alcancem aquilo que de outro modo não conseguiriam” (INGOLD, 2012, p.33).

Um carro estacionado e um motorista, quando dissociados, são vistos como elementos distintos. Todavia, ao dirigir o carro, este se torna um motorista-motorizado, ou seja, o carro é uma extensão do corpo do motorista, possibilitando que a fusão entre a mecânica e o corpo possam juntos performar o que era impensável quando eram vistos como elementos separados¹⁴. Poderíamos ilustrar as *affordances* com uma miríade de exemplos. Propomos a singela reflexão que envolve um taco de beisebol e o rebatedor ou um arco e flecha e o arqueiro. As *affordances* estão intimamente ligadas aos outros conceitos basilares da TNR aqui apresentados: as *assemblages*, o afeto e a *performance*.

5 EXEMPLOS DE ABORDAGENS DAS TNR

Como foi dito, muitas abordagens das TNR, focadas em revelar a geografia do que acontece, se inspiram na sugestão de Bruno Latour no âmbito das TAR: seguir os atores em rede. Tal prática significa desvendar o cotidiano dos partícipes das relações em rede, desnudando o seu cotidiano. Nota-se que o uso da linguagem por parte do pesquisador também é importante: tal como em qualquer pesquisa de natureza fenomenológica, é adequado evitar os vícios positivistas da comunicação científica, rejeitando quadros de investigação totalizantes e que acabem por criar categorias ontológicas.

A disposição de novas tecnologias informacionais permitiu inferir relações em rede difusas. Por outro lado, conduzem à frieza do trabalho de escritório, o que afastam da perspectiva da experimentação cotidiana do pesquisador, em métodos que certamente se inspiram na observação participante da antropologia. Este tipo de pesquisa centrada nas relações levantadas por recursos informacionais foi visto no trabalho de Vinicius Netto *et.al.*

¹³ Tim Ingold (2012) argumenta que na literatura especializada, o termo *affordances* tem sido mantido em língua inglesa.

¹⁴ Ver Edensor (2003).

(2017), que exploraram postagens no *twitter* para mensurar os deslocamentos de indivíduos no município do Rio de Janeiro, fazendo ainda inferências às diferenciações de renda do seu objeto de investigação. Com este trabalho, Netto *et.al.* (2017) inferiram de que forma a renda pode interferir nos deslocamentos, chamando o seu levantamento de “uma geografia temporal do encontro”. A pesquisa em questão explorou nuances do cotidiano de um certo número de pessoas, em uma típica “geografia do que acontece”.

David Bissell (2009) destacou de que forma as dores crônicas podem interferir nas relações de afeto. Para o autor, a dor – tanto a física quanto a emocional – é não-representacional; isto se explica pela incapacidade de ser compreendida discursivamente (BISSELL, 2009) e apresentar-se instável. Diferentemente do afeto, a dor é um processo pessoal e interno. Todavia, é capaz de interagir com a dimensão afetiva. Tal trabalho se associa com a perspectiva das TNR por tratar a dor em uma dimensão subjetiva, negando a ela o status ontológico-reificado que seria passível de ser analisado coletivamente.

Hitchings (2003) seguiu as considerações de Latour e investigou as interações entre as plantas de jardins e as pessoas que com elas se relacionam. Hitchings apresentou um método que analisava os atores em cadeias afetivas: o afeto das pessoas sobre as plantas, o afeto das plantas sobre as pessoas e, por fim, a intermediação desses afetos, naquilo que chamou de “*chains of enrolment in the garden*” (HITCHINGS, 2003, p.109). É importante perceber que essas cadeias não existem no seu estado puro, visto que se entrelaçam dialeticamente.

Pitt (2015), por sua vez, buscou compreender as relações entre jardineiros e plantas e destacou uma importante problemática temporal: por serem muitas vezes mais lentas, é difícil perceber as atividades e as mudanças das plantas, assim como as de inúmeros agentes não-humanos. Por isso é importante a utilização de métodos como a comparação de fotografias em distintos momentos no tempo. Como as redes investigadas pelas TNR são heterogêneas, o tempo trabalha de forma diferenciada sobre os actantes. Trabalhos que utilizam esta perspectiva mais-que-humana podem problematizar escalas bem diferentes, como fez Ruth Panelli (2009) ao cravar que o eucalipto se tornou um ator muito poderoso da sociedade australiana, sendo crucial para a compreensão acerca das mudanças na paisagem e estrutura social do país em questão.

Ben Anderson (2005) também seguiu as orientações de Latour e estabeleceu uma reflexão sobre gostos e julgamentos das pessoas. O autor intermediou a narrativa do seu texto com os relatos de pessoas que serviram para endossar suas argumentações acerca da instabilidade das preferências. Nas TNR, o formato das entrevistas costuma ser marcado

por perguntas que não sugerem respostas objetivas, como se houvesse a intenção de possibilitar ao ator investigado organizar e hierarquizar os elementos presentes em sua resposta. Esta característica, inclusive, nos indica a utilização do termo “relato” como mais apropriado do que “resposta” à interação comunicativa entre investigador e objeto.

Em outro trabalho, Hitchings (2012) argumenta que é importante deixar as pessoas falarem sobre as suas práticas, ainda que isto não seja uma tarefa fácil. Por isso mesmo, o cuidado do investigador com a interação frente ao entrevistado deve ser extremo: é necessário que sejam criadas condições confortáveis para que a entrevista revele o cotidiano; se o que era esperado pelo entrevistado não for ressaltado, talvez seja porque não ocupa uma posição de relevância tal como a expectativa previa. Permitir esta flutuação nos rumos da resposta é condizente com as perspectivas fenomenológicas e diminuem a interferência do pesquisador no comportamento do entrevistado.

Adams-Hutcheson (2019) analisou as relações entre atores humanos e não-humanos; em uma abordagem original, falou sobre geografias elementais [*elemental geographies*], que se consistem nas investigações das atividades humanas frente aos elementos (como o ar e o fogo)¹⁵ e forças da natureza. Em seu artigo – de forma mais específica – centrou-se nas relações entre as condições da atmosfera e o comportamento humano. Adams-Hutcheson focou-se em fazendeiros neozelandeses da região de Waikato para compreender os efeitos das relações afetivas que envolvem essas *assemblages*. Entre seus resultados, concluiu que a classe dos fazendeiros é, geralmente, exposta a níveis de estresse muito altos devido à ansiedade quanto às questões climatológicas. O autor trouxe informações que apontam desordens de humor e ansiedade dos fazendeiros de Waikato acima da média nacional.

De forma óbvia, sabe-se que o acompanhamento da previsão do tempo torna-se uma obsessão tão grande para os produtores do campo ao ponto das diferenças entre milímetros de chuva serem comemorados ou lamentados. As geografias elementais afetam não somente após a ocorrência de infortúnios ou amenidades climáticas, pois a dimensão dos *imaginários climáticos* deve ser considerada: o termo foi abordado em um trabalho publicado por Riesto *et.al* (2021) e tem sido utilizado como um meio de aludir as diferentes formas de expressão e respostas afetivas que resultam dos discursos públicos que ressaltam os riscos de morar nas áreas costeiras.

¹⁵ Em um exemplo, Sasha Engelmann (2015) abordou de que forma o ar pode intermediar as relações entre elementos humanos e não humanos.

Sabe-se que as mudanças climáticas são exploradas frequentemente nos noticiários e as áreas costeiras acabam preferencialmente sendo apresentadas como zonas de risco, ameaçadas tanto pela penetração de fortes tornados e furacões, quanto pela ocorrência de tempestades e a elevação do nível do mar. Soluções arquitetônicas e planejamentos urbanos aplicados em algumas áreas litorâneas levam em conta os imaginários climáticos mesmo antes de algumas das previsões mais catastróficas se confirmarem (RIESTO *et.al.*, 2021). Ou seja, é de se levar em conta a dimensão afetiva entre o homem e a dinâmica elemental. Neste particular, não devemos considerar somente o atual estado do tempo atmosférico.

Cristina Zara (2021), em uma perspectiva não-representacional similar às geografias elementais, estabeleceu um comparativo das relações estabelecidas entre as pessoas e as águas da cidade italiana de Veneza e da indiana Vanarasi, cidade sagrada hindu. Ambas as cidades devem à sua prosperidade econômica, significância política e identidade cultural às águas; todavia, apresentam um histórico sociocultural extremamente distinto. As relações que envolvem as águas e as pessoas dessas cidades formam *assemblages*¹⁶, o que não significa que os laços entremeados entre atores humanos e não-humanos estão paralisados espacial e temporalmente. As ricas narrativas das histórias de Veneza e Vanarasi mostram entrelaces distintos entre os homens e as águas, que foram rearranjados a partir do dinamismo histórico que é o apanágio do caráter elusivo das relações de atores mais-que-representacionais. O potencial afetivo das águas é extremo, justamente pelas múltiplas possibilidades de interação entre as pessoas e a sua superfície.

Krause e Strang (2016) sugerem que se focarmos nossos estudos nas formas como as relações sociais e hidrológicas são interconectadas e mutuamente constitutivas chegaremos a uma compreensão mais profunda do papel da água na vida social. Essa melhor compreensão possibilita o ganho de ferramentas teóricas importantes para uma melhor gestão dos recursos hídricos. A perspectiva em questão permitiu que Leah M. Gibbs (2009) destacasse o papel dos lugares e paisagens marcadas pela presença da água como dotados de grande potencial para revelar as complexas relações de um mundo mais-que-humano.

Em outro trabalho que aborda premissas comumente contidas nas TNR, o antropólogo Tim Ingold (2004) analisou de que forma o advento dos calçados modificou a

¹⁶ Também no interior da temática entre a água e a sociedade, Philip Hayward (2012) analisou os arquipélagos como *assemblages*, já que as relações mais-que-humanas se apresentam fortes entre as ilhas que integram a comunidade insular. O termo comunidade aplicado neste contexto serve tanto no sentido de comunidade imaginada quando comunidade desenhada a partir das relações entre atores.

forma do homem de se relacionar e perceber o ambiente ao qual está inserido. é muito importante para as TNR a consideração do materialismo relacional¹⁷. Segundo Thrift (2008), o corpo humano é o que é pela sua inigualável capacidade de se envolver com os objetos. O exemplo de Ingold (2004) acerca dos calçados nos permite essa consideração, mas poderíamos povoar a reflexão com exemplos que aludem à conexão entre atores humanos e não humanos, como se viu na apresentação feita neste artigo acerca do conceito de *affordances*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As TNR se apresentam como um modo eficaz de evidenciar as relações entre humanos e não-humanos, transcendendo a dicotomia materialidade *versus* imaterialidade e outras como indivíduo *versus* coletividade e homem *versus* natureza. Os estudos não-representacionistas comumente nos remetem à concepção do *ser-aí* de Martin Heidegger, à medida que passamos a considerar a noção de existência – ou seja, a condição do ser – como integrada à rede de relações humanas e não-humanas entrelaçadas no ambiente. Para além, por meio de um vocabulário próprio e instrutivo, as TNR nos ajudam a pensar no homem errante que colhe as suas experiências em movimento, amealhando recortes espaço-temporais excepcionais. Por isso, é de se falar que as identidades são constituídas por uma quimera de lugares (SILVA; COSTA, 2022).

As repercussões da TNR para a geografia são muitas e incluem a desconstrução da abordagem ontológica das categorias geográficas e a consideração do espaço relativo como uma forma de leitura tão importante quanto o espaço cartesiano. A “geografia do que acontece”, expressão criada por Thrift, indica a preocupação das TNR em focar no cotidiano das pessoas, em sua relação mais íntima com o espaço e com os demais sujeitos envolvidos em rede.

Sabe-se que as TNR são antagônicas às formas positivistas de produção científica. Para aqueles que buscam se aventurar em meio às possibilidades oferecidas pelas TNR é importante ter isso em mente. No sentido prático, isso significa a necessidade de respeitar parâmetros fenomenológicos de pesquisa, que inclusive garantem a possibilidade de contemplar o não-representacional, tarefa que apresenta-se inviável para os pressupostos tradicionais da pesquisa científica.

¹⁷ A consideração da dimensão da materialidade a partir de uma miríade de entendimentos individuais que se entrelaçam e se afetam mutuamente.

REFERÊNCIAS

- ADAMS-HUTCHESON, G. Farming in the troposphere: drawing together affective atmospheres and elemental geographies. **Social & Cultural Geography**, v.20, i.7, p.1004-1023, 2019.
- AITKEN, S C.; ZONN, L E. Re-apresentando o lugar-pastiche. (in): CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.) **Cinema, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.
- ANDERSON, B. Practices of judgement and domestic geographies of affect. **Social & Cultural Geography**, v.6, n.5, p.645-659, 2005.
- ANDERSON, B. Becoming and being hopeful: towards a theory of affect. **Environmental and Planning D: Society and Space**, v.24, p.733-752, 2016.
- ANDERSON, B. Affect. (In): **The International Encyclopedia of Geography: people, the Earth, Environmental and Geography**, John Wiley & Sons, p.1-3, 2017.
- ANDERSON, B. *et. al.* On assemblages and geography. **Dialogues in Human Geography**, v.2, i.2, p.171-189, 2012.
- ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- ANDRÉ, Y.; BAILLY, A S. Spatial representations of territories and the world. **Prospects**, v.XXVIII, n.2, p.278-284, June, 1998.
- ANKERSMIT, F. R. The representation as the representation of experience. **Metaphilosophy**, v.31, i.1-2, January, 2000.
- ASH, J. Post-Phenomenology and space: A geography of comprehension, form and power. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.45, i.1, p.181-193, March, 2020.
- BALE, J. Mapping Vernacular Regions in the Classroom. **Journal of Geography**, v.82, n.6, p.274-276, 1983.
- BAILLY, A. S. Paysages et representations. **Mappemonde**, n.3, p.10-13, 1990.
- BARNETT, C. A critique of cultural turn (in): DUNCAN, J S.; JOHNSON, N. C.; SCHEIN, R. H. **A companion to cultural geography**. Malden: Blackwell Publishing Ltd, 2004.
- BARNETT, C. Political affects in public space: normative blind-spots in now-representational ontologies. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.33, n.2, p.186-200, April, 2008.
- BERQUE, A. A cosmofoania das realidades geográficas. **Geograficidade**, v.7, n.2, p.4-16, Inverno, 2017.

- BISSELL, David. Obdurate pains, transient intensities: affect and the chronically pained body. **Environment and Planning A**, v.41, i.4, p.911-928, April, 2009.
- BONDI, L. Making connections and thinking through emotions: between geography and psychotherapy. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.30, n.4, p.433-448, December, 2005.
- CADMAN, L. Nonrepresentational Theory/Nonrepresentational Geographies. (In): KITCHEN, Rob; THRIFT, Nigel (eds.). **International Encyclopedia of Human Geography** (1st Edition). Oxford: Elsevier, p.456-463, 2009.
- COLTRO, F. L. Z. "Animal Geographies": reflexões sobre o não-humano no pensamento geográfico anglo-saxão contemporâneo. Tese defendida no **Departamento de pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina**, 2016.
- COUTINHO, B. T. A paisagem e o geográfico do espaço: o onde da ontologia da geografia. **Geosp: Espaço e tempo**, v.23, n.1, p.9-21, 2019.
- CROUCH, D. The Allotment, Landscape and Locality: Ways of Seeing Landscape and Culture. **Area**, v.21, n.3, p.261-267, September, 1989.
- CURRY, M. Postmodernism, Language, and the Strains of Modernity. **Annals of the Association of American Geographers**, v.81, n.2, p.210-228, 1991.
- DUNCAN, N.; SHARP, J. P. Confronting representation(s). **Environmental and Planning**, v.11, i.4, p.473-486, August, 1993.
- EDENSOR, T. Defamiliarizing the Mundane Roadscape. **Space & Culture**, v.6, n.2, p.151-168, May, 2003.
- ENGELMANN, S. More-than-human affinitive listening. **Dialogues in Human Geography**, v.5, n.1, p.76-79, 2015.
- GIBBS, L. M. Water Places: Cultural, Social and the More-Than-Human Geographies of Nature. **Scottish Geographical Journal**, v.125, n.3-4, p.361-369, 2009.
- GILROY, P. Race ends here. Abingdon, Oxford: **Ethnic and Racial Studies**, vol.XXXI, nº5, pp.838-847, 1998.
- HARTSHORNE, R. **Propósitos e natureza da Geografia**. São Paulo: Hucitec Edusp, 1978.
- HARVEY, D. O espaço como palavra-chave. **Geographia**, v.14, n.28, p.8-39, 2012.
- HASSON, S. Frontier and periphery as symbolic landscapes. **Ecumene**, v.3, n.2, p.146-166, 1996.
- HAYWARD, P. Aquapelagos and Aquapelagic Assemblages. **Shima**, v.6, n.1, p.1-11, 2012.
- HEATWOLE, C. A. The Bible Belt: A problem in regional definition. **Journal of Geography**, v.77, n.2, p.50-55, February, 1978.

HITCHINGS, R. People, plants and performance: on actor network theory and the material pleasures of the private garden. **Social & Cultural Geography**, v.4, n.1, p.99-114, 2003.

HITCHINGS, R. People can talk about their practices. **Area**, v.44, n.1, p.61-67, 2012.

INGOLD, T. Culture on the ground: The world perceived through the feet. **Journal of Material Culture**, v.9, n.3, p.315-340, 2004.

INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, v.33, n.1, p.6-25, Jan./Abr., 2010.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos em um mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, ano 18, n.37, p.25-44, Jan./Jun., 2012.

JACKSON, P. Geography and the cultural turn. **Scottish Geographical Magazine**, v.113, n.3, p.186-188, 1997.

JONES, M. Phase Space: geography, relational thinking, and beyond. **Progress in Human Geography**, v.33, i.4, p.487-506, 2009.

KRAUSE, F; STRANG, V. Thinking Relationships Through Water. **Society & Natural Resources**, v.29, n.6, p.633-638, 2016.

LAW, J. Notes on the Theory of the Actor-Network: Ordering, Strategy, and Heterogeneity. **Systems Practice**, v.5, n.4, p.379-393, 1992.

LEITNER, H; KANG, P. Contested urban landscapes of nationalism: the case of Taipei. **Ecumene**, v.6, n.2, p.214-133, 1999.

LORIMER, H. Cultural geography: the busyness of being "more-then-representational". **Progress in Human Geography**, v.29, i.1, p.83-94, 2005.

MACPHERSON, H. Non-Representational Approaches to Body-Landscape Relations. **Geography Compass**, v.4, n.1, p.1-13, 2010.

MCBRIDE, N. Actor-Network Theory and the Adoption of Mobile Communications. **Geography**, v.88, n.4, p.266-276, October, 2003.

MATLESS, D. An occasion for geography: landscape, representation, and Foucault's corpus. **Environmental and Planning D: Society and Space**, 1992, v.10, i.1, p.41-56, February, 1992.

MITCHELL, D. There's No Such Thing as Culture: Towards a Reconceptualization of the Idea of Culture in Geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, new series, v.20, n.1, p.102-116, 1995.

MITCHELL, D. Cultural landscapes: just landscapes or landscapes of justice? **Progress in Human Geography**, v.27, i.6, p.787-796, December, 2003.

MÜLLER, M; SCHURR, C. Assemblage thinking and actor-network theory: conjunctions, disjunctions, cross-fertilisations. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.41, i.3, p.217-229, July, 2016.

MURDOCH, J. The spaces of Actor-Network Theory. **Geoforum**, v.29, n.4, p.357-374, 1998.

NETTO, V. et.al. Uma geografia temporal do encontro. **Revista de Morfologia Urbana**, v.5, n.2, p.85-101, 2017.

OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. **Pró-posições**, v.20, n.3, p.17-28, Set./Dez., 2009.

PAIVA, D. Teorias não-representacionais na geografia I: conceitos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, v. LII, n.106, p.159-168, 2017.

PANELLI, R. More-than-human social geographies: posthuman and other possibilities. **Progress in Human Geography**, v.34, n.1, p.79-87, 2010.

PILE, S. Emotions and affect in recent human geography. **Transactions of the Institute of British Geographers, New Series**, v.35, n.1, p.5-20, January, 2010.

PITT, H. On showing and being shown plants – a guide to methods for more-than-human geography. **Area**, v.47, i.1, p.48-55, March, 2015.

QUEIROZ FILHO, A. C. A edição dos lugares: sobre as fotografias e a política espacial das imagens. **Educação Temática Digital**, v.11, n.2, p.33-53, Jan./Jun., 2010.

RIESTO, S. *et. al.* Plans for uncertain futures heritage and climate imaginaries in coastal climate adaptation. **International Journal of Heritage Studies**, p.1-18, November, 2021. DOI: 10.1080/13527258.2021.2009538.

SAÏD, E. Representing the colonized: Anthropology's Interlocutors. **Critical Inquiry**, v.15, n.2, p.205-225, Winter, 1989.

SEEMANN, J. O fim das representações na geografia cultural? (in): ROMANCINI, S. R.; ROSSETTO, O. C.; DALLA NORA, G.(Orgs.). **As representações culturais no espaço: perspectivas contemporâneas em geografia**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2015.

SHOUSE, E. Feeling, emotion, affect. **M/C Journal**, n.8, w/o pages, 2005. Disponível em https://journal.media-culture.org.au/mcjournal/article/view/2443?source=post_page

SILVA, L. L. S. da. Expressões militantes da paisagem. **Revista Percurso**, v.12, n.2, p.109-131, 2020.

SILVA, L. L. S.; COSTA, A.. A paisagem enquanto campo de batalhas discursivo. **Caderno de Geografia**, v.32, n.69, p.524-549, 2022.

SILVA, L. L. S.; COSTA, A,. Cultura como comunidade imaginada: uma crítica à abordagem ontológica da cultura nos estudos geográficos. **Geografias**, v.16, n.1, p.27-41, 2018a.

SILVA, L. L. S.; COSTA, A. A inadequação das regionalizações culturais mediante os pressupostos do pós-colonialismo. Salvador: **Geotextos**, v.14, n.1, p.225-247, 2018b.

SILVA, L. L. S.; COSTA, A. O desconforto das regiões e das classes. **Geosp: Espaço e Tempo**, v.24, n.3, p.533-546, Dezembro, 2020a.

SILVA, L. L. S.; COSTA, A. Questionando as delimitações cartográficas da cultura. **Caminhos de Geografia**, v.21, n.73, p.445-457, 2020b.

SILVA, L. L. S.; COSTA, A. As identidades como uma quimera de lugares. **Revista da Anpege**, v.17, n.34, p.50-54, 2022.

SILVA, L. L. S.; COSTA, A.; MATOS, G. M. Mapeando fenômenos intangíveis. **Mercator**, v.20, n.1, p.1-14, 2021.

SIMPSON, P. Nonrepresentational theory. (in): **The International Encyclopedia of Geography: people, the Earth, Environmental and Geography**. John Wiley & Sons, p.1-4, 2017.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THRIFT, N. Afterwords. **Environmental and Planning D: Society and Space**, v.18, i.2, p.213-255, April, 2000.

THRIFT, N. Intensities of feeling: towards a spatial politics of affect. **Geografiska Annaler**, v.86, i.1, p.57-78, March, 2004.

THRIFT, N. **Non-representational theory: Space/politics/affect**. London: Routledge, 2008.

VALENTINE, G. Whatever happened to the social? Reflections on the “cultural turn” in British Human Geography. **Norwegian Journal of Geography**, v.55, p.166-172, 2001.

VANNINI, P. Non-Representational Research Methodologies: An Introduction. (in)VANNINI, P. **Non-Representational Methodologies: Re-Envisioning Research**. New York: Routledge, 2015.

WATERTON, E. More-than-representational landscapes. (in): HOWARD, P. et. al. (eds). **The Routledge Companion to Landscape Studies**. London: Routledge, p.91-101, 2019.

WATERTON, E; SMITH, L. The recognition and misrecognition of community heritage. **International Journal of Heritage Studies**, v.16, n.1-2, p.4-15, 2010.

ZARA, C. Venice in Vanarasi: Fluid landscapes, aesthetic encounters and the unexpected geographies of tourist representation. **Shima**, v.15, n.1, p.225-255, 2021.
